



VIVENDO ENTRE DEVOTOS: AS POSSIBILIDADES DO USO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA GEOGRÁFICA EM SANTUÁRIOS CATÓLICOS

Living between devotes: the possibilities of the use of participating observation in geographical research in catholic sanctuaries

Viviendo entre devotos: las posibilidades del uso de observación participante en la investigación geográfica en santuarios católicos

Átala Firmino Dantas¹

Otávio José Lemos Costa²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar possíveis escolhas metodológica para estudos concernentes a problemáticas espaço e religião. Nesse sentido, utilizando de uma metodologia qualitativa e de uma observação participante, construímos possibilidades viáveis na leitura das dinâmicas do sagrado no espaço geográfico. Assim, tomamos como aporte teórico os estudos de Rosendahl (2012), Claval (1999) e Gertz (2014), no qual foi possível perceber que a utilização dessas metodologias para estudo de lugares sagrados nos leva a compreensão do cotidiano de devotos, e na descrição de paisagens e formas culturais de áreas.

Palavras-chave: Devoção. Metodologia. Observação participante. Geografia da Religião.

ABSTRACT

This article aims to present possible methodological choices for studies concerning problems space and religion. In this sense, using a qualitative methodology and a participant observation, we construct viable possibilities in the reading of the dynamics of the sacred in the geographic space. Thus, we take as theoretical contribution the studies of Rosendahl (2012), Claval (1999) and Gertz (2014), in which it was possible to perceive that the use of these methodologies to the study sacred places lead us to an understanding of the daily life of devotees, in the description of landscapes and cultural forms of areas.

Key words: Devotion. Methodology. Participant observation. Geography of Religion.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar posibles opciones metodológicas para estudios concernientes a las problemáticas espacio y religión. En este sentido, utilizando una metodología cualitativa y de una observación participante, construímos posibilidades viables en la lectura de las dinámicas del sagrado en el espacio geográfico. Así, tomamos como aporte teórico los estudios de Rosendahl (2012), Claval (1999) y Gertz (2014), en el cual fue posible percibir que la utilización de esas metodologías para el estudio de

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi, Fortaleza/CE. Email: atila.dantas@aluno.uece.br.

² Professor Doutor – Vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia – ProPGeo/UECE e Coordenador do Laboratório de Estudos em Geografia Cultural – LEGEC. Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi, Fortaleza/CE. Email: otavio.costa@uece.br.

lugares sagrados nos llevan a la comprensión del cotidiano de devotos y en la descripción de paisajes y formas culturales de áreas.

Palabras chave: Devoción. Metodología. Observación participante. Geografía de la Religión.

INTRODUÇÃO

A proposta desse artigo surge na necessidade de dar maior visibilidade, a um dos debates que propus na dissertação de mestrado intitulada “Paisagem cultural e simbolismo: O Santuário Mãe das Dores no distrito de Arraial Santa Isabel em Aracoíaba-CE, que foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE, na qual a sua reflexão metodológica precisa ser mais expandida e melhor desenvolvida.

Neste texto, pretendo ainda, desenvolver uma discussão sobre a metodologia da observação participante e as possibilidades da etnogeografia para leitura geográfica de santuários católicos. É importante destacar, que boa parte do uso dessas metodologias advém dos estudos das ciências humanas, e que muito podem auxiliar na explicação dos fenômenos culturais no espaço.

A busca pelo desenvolvimento de metodologias para interpretação dos diversos objetos culturais-religiosos, tem tido um aumento significativo nos últimos anos na ciência geográfica. Essa relação está alicerçada principalmente na necessidade de melhor compreender os sujeitos sociais, principalmente na experiência da relação pesquisador e pesquisado. Nesse sentido, a busca por um trabalho de campo de forma mais objetiva e que de condições de extrair o maior número de informações estabelecidos no contato com o objeto, possibilitaria uma melhor leitura do espaço na abordagem cultural da geografia.

Desse modo, destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Rosendahl (1994; 1995 e 1996), Hissa (2002 e 2006), Costa (2008 e 2011) e Heidrich (2016) que numa abordagem geográfica em suas respectivas áreas de estudo possibilitam uma leitura do espaço e suas diversas dimensões culturais. Com isso, passamos a perceber que as opções metodológicas auxiliam na melhor compreensão dos objetos, e conseqüentemente, nos mostram novos caminhos para leitura espacial do fenômeno em questão.

Nesse sentido, as possibilidades de novas frentes de trabalho no processo de modernização da ciência geográfica (GOMES, 2014), dão um maior suporte aos pesquisadores culturais assumirem reflexões mais contundentes a respeito das dinâmicas socioespaciais que se estabelecem em uma base territorial a partir da cultura.

O uso de metodologias qualitativas na geografia é apreendido por Heidrich (2016, p. 22), quando as pesquisas discutem abordagens e práticas sobre espaço e cultura, definindo-a como “conjunto de procedimentos voltados à coleta de informações que envolvem o uso da linguagem, em geral objetivadas para a captura de subjetividade em campo”. O autor se posiciona ainda, a detalhar o procedimento da

pesquisa qualitativa, alertando que seus procedimentos privilegiam o estudo de questões subjetivas, geralmente não quantificáveis.

Ademais, ao utilizar uma abordagem qualitativa, o propósito é dar autenticidade para as percepções e experiências das pessoas. Essa relação é possível na medida em que o contato com os sujeitos envolvidos é articulado em diversas possibilidades operacionais, principalmente durante o trabalho de campo. Quando falamos sobre a perspectiva dos devotos, retornamos a abordagem de Rosendahl (1994, p. 91) que ao explicar a forma de se compreender um espaço sagrado, remete-se ao pesquisador para que ele “não limite suas observações apenas aos aspectos acadêmicos das pesquisas convencionais”. Essa forma de pensar da autora, nos possibilita, portanto, que os pesquisadores envolvam conhecimentos das condições de vida das pessoas e passe a observar a partir de uma posição privilegiada a experiência com o sagrado.

Quanto as pesquisas no subcampo da geografia da religião, essa metodologia possibilitou um processo de imersão em diferentes contextos, reconhecendo uma transdisciplinariedade. Nessa perspectiva, percebe-se que, para se compreender essas múltiplas relações do sagrado que se materializa no espaço, é necessário um diálogo entre as diversas disciplinas e diversas formas de saberes² (HISSA, 2006, p. 9).

Assim, diante da problemática proposta, acho necessário adentrar no plano teórico das questões levantadas, para que após dessas considerações, apresentarmos as formas de como conduzir uma pesquisa na área da geografia da religião utilizando as metodologias propostas.

PRESSUPOSTOS PARA USO DE METODOLOGIAS QUALITATIVAS NA PESQUISA DA GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

A escolha de metodologias qualitativas para o estudo da espacialidade do sagrado, não advém apenas de uma escolha pessoal para tratar um determinado fenômeno geográfico. O fato de optarmos pelo uso da observação participante e da etnogeografia, se aplica pelo grau de especificidades e confiabilidade que a mesma tem respondido para o estudo da cultura e da religião na ciência socioespacial. Nessa perspectiva, é importante afirmar que estas opções não são únicas, mas têm se mostrado com certo rigor que nos possibilitam elucidar questões específicas a pesquisa.

Diante disso, quando me coloquei a estudar a geografia da religião, a questão que norteou a minha reflexão foi: qual a melhor forma de pesquisar sobre religião na Geografia, de modo a operacionalizar minha pesquisa? Essa indagação me levou a outros questionamentos secundários, e um pouco mais complexos:

²Hissa (2006, p. 9) ainda é mais enfático ao entender que “o saber impõe esses movimentos do sujeito do saber: para além das fronteiras interdisciplinares; para além da própria ciência; para além da própria universidade”.

seria possível entender a realidade daqueles que experimentam o contato com o sagrado na vida cotidiana, de uma forma a explicá-lo na ótica geográfica?

De forma a não tomar uma posição sobre essas questões na pesquisa geográfica da religião³, minha tendência tem sido concordar com Claval (1999, p. 50) de que “os fatos religiosos são apreendidos através de discursos que suscitam, dos rituais a que dão lugar e das marcas das paisagens pelas quais são responsáveis”. Ou ainda em outro texto de Claval (1997, p. 94), que afirma que “a Geografia Cultural foi obrigada a desenvolver novas abordagens de cultura”, colocando os sujeitos sociais no centro de sua análise. Essa postura é reforçada por Berdoulay e Entrikin (2014) que destacam a intencionalidade e a atividade dos sujeitos coletivos. Nessa perspectiva, os atores ligados a apropriação do lugar sagrado, mesmo dependendo de um contexto espaço-temporal, nos permitem a caracterizá-lo a partir dos estudos das paisagens e das organizações territoriais, não restando dúvida de que a parte ativa do sujeito deve, ainda, ser parte apreendida de nossa análise.

No caso da Geografia da religião, Rosendahl (2012, p. 1) afirma que “todo campo do conhecimento se caracteriza por ter a sua própria história, que faz parte da História Geral do Conhecimento Científico”, com isso, as reflexões que foram construídas a respeito dos objetos de análise estão intrinsecamente relacionadas à adequação da metodologia a realidade a qual o sujeito está inserido. Com essas modificações no plano epistemológico, o objetivo em buscar uma abordagem cultural na geografia, versa em entender as experiências dos homens com o sagrado, compreendendo a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas (CLAVAL, 2002).

Portanto, ressaltamos que o emprego do uso dessas metodologias para a condução da pesquisa em um determinado santuário católico, parte dos entendimentos sobre cultura e religião entorno da problemática central da pesquisa geográfica. Essas significações dão sentido a entender a cultura em suas diversas escalas. Que nas palavras de Mitchell (2000) passa a ser interpretada com novos significados, sendo considerados como o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores. Estes conjuntos, entretanto, são entendidos como parte do cotidiano, em que o conhecimento dessas práticas só é possível a partir de uma inserção com esse universo.

Para Gertz (2014), ao estudar um determinado grupo de pessoas, e ao mesmo tempo entender suas significações é necessário se tornar parte desse grupo, sendo fundamental uma observação mais intrínseca ao objeto estudado. É nessa possibilidade de imersão, que podemos pensar a observação participante e a

³É importante informar, ainda que de forma breve, para os limites deste artigo, alguns dos pressupostos que me levaram a empregar esta metodologia na pesquisa com os devotos que visitam santuários, trata-se das concepções de cultura e de manifestações religiosas tratados na abordagem cultural renovada da Geografia, bem como da problemática central em torno da qual se desenvolveu a pesquisa.

etnografia como uma possibilidade de pesquisa a santuários católicos, em que o convívio com devotos estabelece uma relação de significados que através de seus atos ganham sentido.

Alguns autores ao desenvolverem pesquisa sobre a geografia da religião têm colocado visões distintas sobre as formas de apreender geograficamente a religião. Rozendahl (1994) e Gil Filho (2007) partem de concepções diferentes para tratar do mesmo objeto. Na perspectiva da autora, a mesma parte de reflexos espaciais visíveis da religião, aplicando sua teoria na compreensão da manifestação espacial do sagrado. Enfocando principalmente as estruturas espaciais da religião, em que o elemento humano aparece como um fluxo em deslocamento cuja atuação é remetida a influência exercida pela organização topológica do sagrado.

Para o geógrafo, o sagrado não está nas coisas (mundo material), mas o ser humano é quem designa as coisas como sagradas. O autor afirma que o sagrado é uma forma simbólica presente na consciência, assim, as coisas tornam-se sagradas pelo olhar de quem vê através do sagrado. Nesse viés temos um sagrado epistemológico, entendido como forma de conhecimento, funcionando como um mecanismo cognitivo que liga o “universo dos fatos” ao “universo simbólico” (GIL FILHO, 2007).

Para além dessa polaridade, é possível perceber dentro dos argumentos dos autores, características que podem ser alocadas para diversas análises dos santuários. Os diferentes contextos abordados por Rosendahl e Gil Filho, assemelham-se nas perspectivas de compreender um espaço sagrado de forma plural, envolvendo tanto os aspectos materiais quando os imateriais.

Gil Filho (2007) adverte ainda que:

Torna-se necessário preservar na análise os qualitativos que evidenciam o fenômeno religioso enquanto realidade própria da religião. Nossa premissa a análise do fenômeno religioso requer uma cognição especial, uma sensibilidade as suas nuances a fim de captar suas características mais sutis. O fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano. (GIL FILHO, 2007, p. 212).

Portanto, podemos pensar em pesquisas sobre a geografia da religião mais preocupadas em um processo de construção teórica a partir de realidades empíricas diversas, possibilitadas por uma imersão num contexto particular, no qual a observação participante e etnogeografia fazem todo o sentido.

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio interacionais, por alguns motivos entre eles estão: Primeiro, preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas (MATOS, 2011).

Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 2014, p. 15).

É interessante notar que essa descrição densa citada pelo autor, está em consonância com a observação participante, em que o pesquisador permanecer na comunidade estudada, em situação de imersão, de modo que ele adquira uma experiência vivencial das realidades cotidianas dos seus interlocutores.

Ao longo do século XX, diversas influências foram percebidas no modo de utilizar a etnografia. Mas, a partir da década de 1970, alguns autores se destacaram, como no caso de Clifford Geertz. Para ele, a cultura como “teia de significado” revela esse tipo de descrição que vai além de um relato detalhado daquilo que foi observado, procurando chegar até os significados simbólicos e culturais que estão por trás das ações humanas. Tudo o que foi observado precisa ser entendido dentro de um sistema que faça sentido e que explique as razões culturais dos comportamentos observados (GEERTZ, 2014).

A etnografia passa, então, a ser entendida como a descrição da realidade na percepção do etnógrafo, ou seja, entendida como atividade necessariamente relacional, onde o foco central passa a ser a relação entre os modelos culturais e sociais do pesquisador e os das comunidades estudadas (WAGNER, 2010).

Essas breves definições, concernentes a etnografia, nos aproxima da aplicabilidade em nossos estudos, e evidencia a sua utilização nas pesquisas geográficas. Costa (2011) ao utilizar a etnogeografia para seus estudos dos lugares sagrados entende que:

O contexto etnogeográfico ampliar a leitura e interpretação dos santuários, admitindo que a construção e consolidação de espacialidades sagradas em uma escala local ou regional incorporam vertentes que estão direcionadas para a definição de área cultural. Assim, a abordagem que é dada, estabelece prospecções que buscam a compreensão dos significados na qual os elementos do sagrado e suas manifestações concretas e simbólicas produzem desdobramentos que são observados através de comportamentos e práticas espaciais (COSTA, 2011, p. 57).

Assim, o estudo do Santuário Mãe das Dores, utilizando como metodologia o trabalho de campo em nossa pesquisa, propicia ao geógrafo um olhar mais incisivo dos devotos com o santuário. Permite ainda, uma visão que abarque não apenas o tempo da festa, mas também suas dimensões do antes e o depois. Desse modo, os caminhos utilizados para dimensionar a formação da paisagem cultural a partir do sagrado, podem ser encontrados no uso da etnografia e suas categorias, que possibilita uma dimensão do fenômeno a partir de sua espacialidade.

Diante desses fatos apresentados, e voltando para uma perspectiva geográfica, observamos que a descrição dos fenômenos ligados a figura do sagrado acaba por formar novas paisagens culturais, como também transformam os lugares inserindo novas práticas sócio-temporais.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE – ASPECTOS OPERACIONAIS DOS ESPAÇOS SAGRADOS

A utilização de uma metodologia operacional que envolve uma imersão no grupo de visitantes em um santuário, representa em um primeiro momento uma inserção que pode representar um determinado conflito. Ou seja, ao pesquisar um determinado grupo de pessoas que se dirigem a um centro religioso, e ao mesmo momento observar suas condutas, pode representar uma resistência e com isso o pesquisador não conseguir a melhor interpretação do fenômeno pesquisado.

Da Mata (2010) ao propor aspectos práticos de uma pesquisa em um ambiente que difere da sua rotina, elenca alguns pontos que podem ser empregados para um estudo geográfico de um santuário. O autor coloca que o mapeamento de uma área é imprescindível durante o processo de campo. Isto porque a representação da área nos obriga a manter certa familiaridade do ambiente. De forma mais clara, ter uma percepção do lugar estudado gera entre outras coisas, um reconhecimento da área para além de sua delimitação.

Na perspectiva geográfica o campo é o principal instrumento utilizado pelo geógrafo para um exercício do olhar (HISSA, 2002). Durante o campo a observação é fundamental para uma leitura das atividades feitas por um devoto. Chamo atenção nesse momento, pois quando se propormos a estudar a devoção católica, muito somos cobrados a entender o catolicismo popular, que é apenas umas das formas possíveis de leitura. Para isso não podemos esquecer que o que vem a ser importante no caso de santuários marianos é estudar suas práticas e manifestações e não apenas as pessoas que o praticam. Essa possibilidade pode ser o eixo condutor de uma aproximação geográfica, pois boas partes dessas manifestações alteram a dinâmica socioespacial.

Tanto Harvey (2011, p. 222) como Proença (2007, p. 9), afirmam que um dos pontos de destaque da metodologia de participante é que está possibilita ao pesquisador vivenciar pessoalmente os eventos de sua análise; aumentando assim, as chances de obter uma compreensão maior do fenômeno. O contato mais próximo com o “objeto” pesquisado, proporciona ao pesquisador procurar perceber e agir de acordo com as interpretações daquele mundo, participando nas relações pessoais e buscando entender as ações no contexto da situação vivenciada: entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem” (PROENÇA, 2007, p. 9).

Rosendahl (1994, p. 140) coloca que “a percepção do pesquisador ao estudar um determinado sagrado é poder verificar a formação de um roteiro devocional”. Essa postura pode ser descrita quando o pesquisador/pesquisadora participa ativamente dos rituais que estão sendo produzidos. A autora argumenta ainda, que a visita e um espaço sagrado é, antes de tudo, uma vivência afetiva. A partida, a viagem, a desinstalação do cotidiano, a própria linguagem do santuário, aproximam o pesquisador do devoto.

De acordo com os autores acima, do ponto de vista das culturas, e para o sucesso de uma pesquisa participante, o que pode ser destacado pelo pesquisador é sua participação nas atividades cotidianas e ritualísticas para as quais é convidado, porque, além de experimentar essas vivências, possibilita a aproximação e o respeito aos valores culturais.

Essa postura pode dá possibilidades a você reformular questões, principalmente que a participação nos ritos irá possibilitar uma visão privilegiadas dos elementos que ainda não tinham sido listados no projeto de pesquisa. Boa parte dos devotos quando procuram um santuário para uma determinada atividade, se utilizam do espaço para manter um contato com o santo/santa, experimentando o espaço de diversas formas.

Quando iniciei a minha pesquisa no Santuário Mãe das Dores, em Aracoiaba-CE, por exemplo, estabeleci meus primeiros contatos participando dos rituais que ocorriam naquele lugar sagrado. Isso me serviu no primeiro momento, a uma familiaridade constante para que eu pudesse me despir de certas leituras que produzi antes de uma vivencia. Em outro momento, esse de forma mais prática da pesquisa, pude participar de uma procissão, no qual a relação com o grupo foi de fundamental importância para perceber como os devotos atribuíam os significados àquelas manifestações como mais um meio de contato com o sagrado, através principalmente, dos atos corporais e comportamentais.

Esse procedimento de investigação que foi utilizado em nossa pesquisa, coloca como possibilidade direta o trabalho de campo. Essa alternativa presente em boa parte dos trabalhos de pesquisa na ciência geográfica precisa ser bem executada para se chegar a uma leitura concisa do que é real. Ou seja, o trabalho de campo, na prática, pode evidenciar questões que não foram inicialmente abordadas. É preciso, portanto, uma atenção redobrada para não fugir do esteio teórico utilizado, de modo que não se confirme quando estiverem sendo avaliados no campo.

Em nossa pesquisa, por exemplo, havia uma imagem do tipo de fiel que poderia encontrar naquele lugar. Pensava encontrar pessoas que não detinham de certo conhecimento, ou ainda não tinham uma preocupação com as questões sociais. Fator que foi desmentido logo no início das conversas, visto que os projetos sociais tocados por parte dos integrantes do grupo de jovens do santuário visavam a possibilidades de crianças terem oportunidade através de uma escola de música ou no esporte.

No entanto, aos poucos pude perceber que esse processo de inserção proporcionado pelo campo, nos coloca de frente com as demandas que mesmo não estando em nossos objetivos, não podem deixar de serem apreendidas. Podemos tomar como exemplo os festejos de Nossa Senhora das Dores, no qual nos serviu de base para coleta de informações referente à nossa pesquisa. Como trabalhamos com o catolicismo popular, boa parte das pessoas que participam das celebrações, possuem diferentes faixas etárias, tem ou não familiaridades com o lugar, ou ainda estão indo pela primeira vez. É nesse momento em que temos o maior número de informações, visto que a teoria não pode prever certas situações.

Portanto, a pesquisa de campo deve ser incentivada como instrumento metodológico, pois permite ao pesquisador uma maneira privilegiada de obtenção de dados etnográficos confiáveis da religiosidade do crente em suas manifestações na paisagem religiosa e no lugar sagrado. Os procedimentos teórico-metodológicos de investigação das relações entre religião e geografia verificam-se em múltiplas escalas geográficas, e em cada uma a interpretação caracteriza-se por específicos processos de ação decisiva entre religião e espaço, bem como as estratégias de poder e a forma de sua organização espacial (ROSENDAHL, 2012).

CONCLUSÃO

Estudar e pesquisar na seara da geografia da religião, através dos devotos de um santuário, representa um grande desafio, sobretudo pela forma como os mesmos interagem com o sagrado durante o período de missas, procissões, romarias e festividades. Esses desafios, muitas das vezes, possibilitam uma leitura do real, um momento de vivência da cultura popular, em que nos auxilia a identificar roteiros e práticas espaciais.

A utilização desses modelos explica as dinâmicas socioespaciais, podendo representar para a geografia como novos caminhos para entendimento da relação espaço e religião. Em nossa pesquisa, permeamos por uma trajetória que aponte para uma interdisciplinaridade com diversas áreas. Fato que se mostrou capaz de identificar o conteúdo dessas manifestações, e como as mesmas atuam no espaço: ora formando paisagens, ora constituindo lugares santos.

A metodologia qualitativa se mostrou eficaz para identificar elementos da cultura local, nos permitindo criar um perfil sociocultural desses devotos, no qual boa parte de suas ações estão engendradas na figura do sagrado. A utilização da metodologia observante, por sua vez, mostrou que é possível imergir no cotidiano dos devotos, desvelando as estruturas que só serão descritas com um olhar atento as práticas diárias. Isso por sua vez, eleva o pesquisador a fazer parte da vivência dos devotos, formando um conjunto de informações sobre a representação dessas práticas do catolicismo popular.

Ademais, outras conclusões são possíveis e válidas para o estudo de outras religiões, isto porque a interpretação das particularidades em cada religião é evidenciada por práticas que só são passíveis de leitura a partir do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERDOULAY, Vincent; ENTRIKIN, Nicholas. **Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas**. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia / [organização de Eduardo Marandola Jr., WertherHolzer, Livia de Oliveira. – São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CLAVAL, P. **As abordagens da geografia cultural**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CLAVAL, Paul. **A Volta do Cultural” na Geografia**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002. <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192/158>
- CLAVAL, Paul. **O tema da religião nos estudos geográficos**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N.7, P.37-58, JAN./JUN. de 1999. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6989>
- COSTA, Otávio José Lemos. **Canindé e Quixadá: a construção de dois lugares sagrados no sertão cearense**. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social** – Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1.ed. – [Reimpr.]. - Rio de Janeiro, LTC, 2014, p. 65-91.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico**. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs). Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba, NEER, 2007. p.207-222.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. -11ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Método e metodologia na pesquisa das geografias com cultura e sociedade**. In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (orgs.). Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 15-33.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia da modernidade**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Recortes de Lugar**. In: Geografias: Revista do Departamento / Programa de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG. Belo Horizonte: v.2, n.1, p.7-21, jan/jun,2006.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .
- MITCHELL, Don. **Cultural Geography: A Critical Introduction**. Oxford, Blackwell, 2000.
- ROSENDAHL, Zeny. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 31, P.24-39, JAN./JUN. DE 2012 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>
- ROSENDAHL, Zeny. **Porto de Caixas. Espaço Sagrado da Baixada Fluminense**. São Paulo. FFCLH/USP (Tese de Doutorado), 1994.
- WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.